

beijinho doce

*Histórias da
Duduca*



beijinho
doce

*Histórias da
Duduca*

beijinho doce

*Histórias da
Duduca*

Nilza Maria Pinto da Costa
em depoimento a Antônio Lino Pinto Júnior

Prefácio

Nilza, nossa mãezona

Meus pais tiveram onze filhos: Zezito, Nilza, Expedito, João, Marlene, Olga, Antônio [eu], Ivo, Luiz, Maria Helena e Marta. Convivi com dez deles. A Marlene já havia falecido quando nasci e o Ivo faleceu com um ano de idade, em 1953. Não tenho lembrança dele – eu tinha apenas dois anos.

Somos uma família muito próxima e unida. Fruto do trabalho feito por minha mãe, sempre agregadora.

A Nilza cuidou de todos nós. De mim até os 6 anos, quando mudamos para São Pedro dos Ferros e ela ficou em Visconde do Rio Branco. Mudamos uma semana após seu casamento, em junho de 1957.

Tivemos idas e vindas constantes, encontros e desencontros, já que meu pai dificilmente ficava mais de um ano na mesma fazenda ou sítio.

Nosso convívio mais duradouro aconteceu somente após janeiro de 1967, quando retornamos do Paraná e com isso todos voltaram a morar próximos uns dos outros.

Nos últimos anos me afastei um pouco fisicamente dos irmãos, mas a relação e a atenção continuaram.

Em setembro de 2017 decidimos rever nosso passado e fomos todos para Minas Gerais, relembra os locais onde vivemos e trabalhamos.

Essa viagem foi o ponto de partida para a criação de três livros sobre a família, além de uma árvore genealógica com mais de mil parentes, entre eles nossos trisavôs e trisavós, maternos e paternos.

Nesse vai e vem, descobri uma outra Nilza além da querida mana.

Que figura! Que generosidade! Que capacidade de ver as coisas sempre pelo lado positivo! Que otimismo! Que força para enfrentar os caminhos tortuosos da vida!

Tem mais: e que memória!

Sem ela eu não conseguiria escrever nada. Tudo ela sabia. Para tudo ela tinha um “causo” ilustrando o fato.

Meu filho, Antônio Lino Pinto Júnior, que nos acompanhou de perto nesse período, não teve dúvidas:

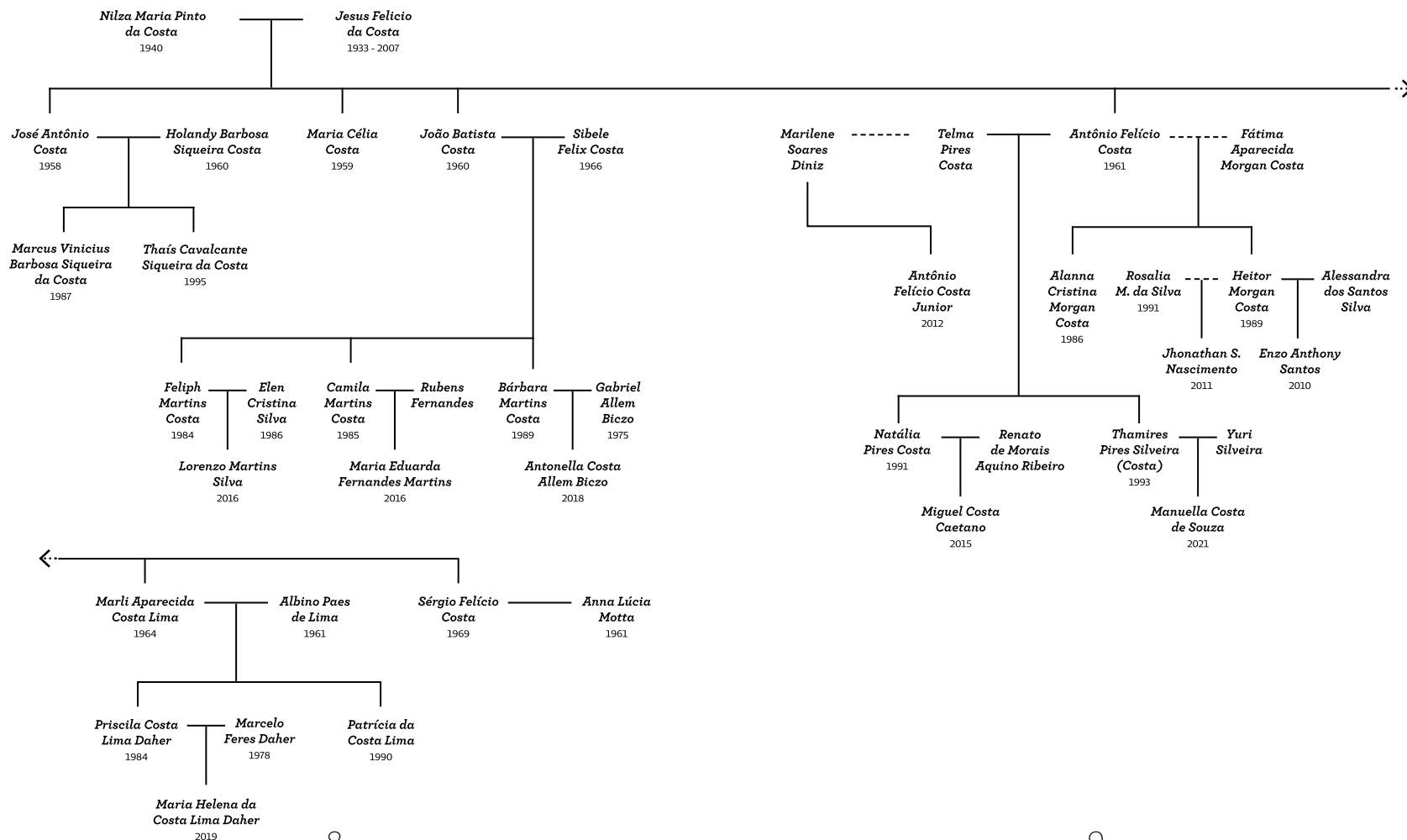
– Pai, precisamos fazer um livro com essas histórias da Duduca.

Graças ao talento e dedicação do Júnior, aqui estão algumas lembranças da Duduca. Um registro para que as novas gerações possam conhecer essas histórias, tão valiosas para todos da família Lino e Pinto.

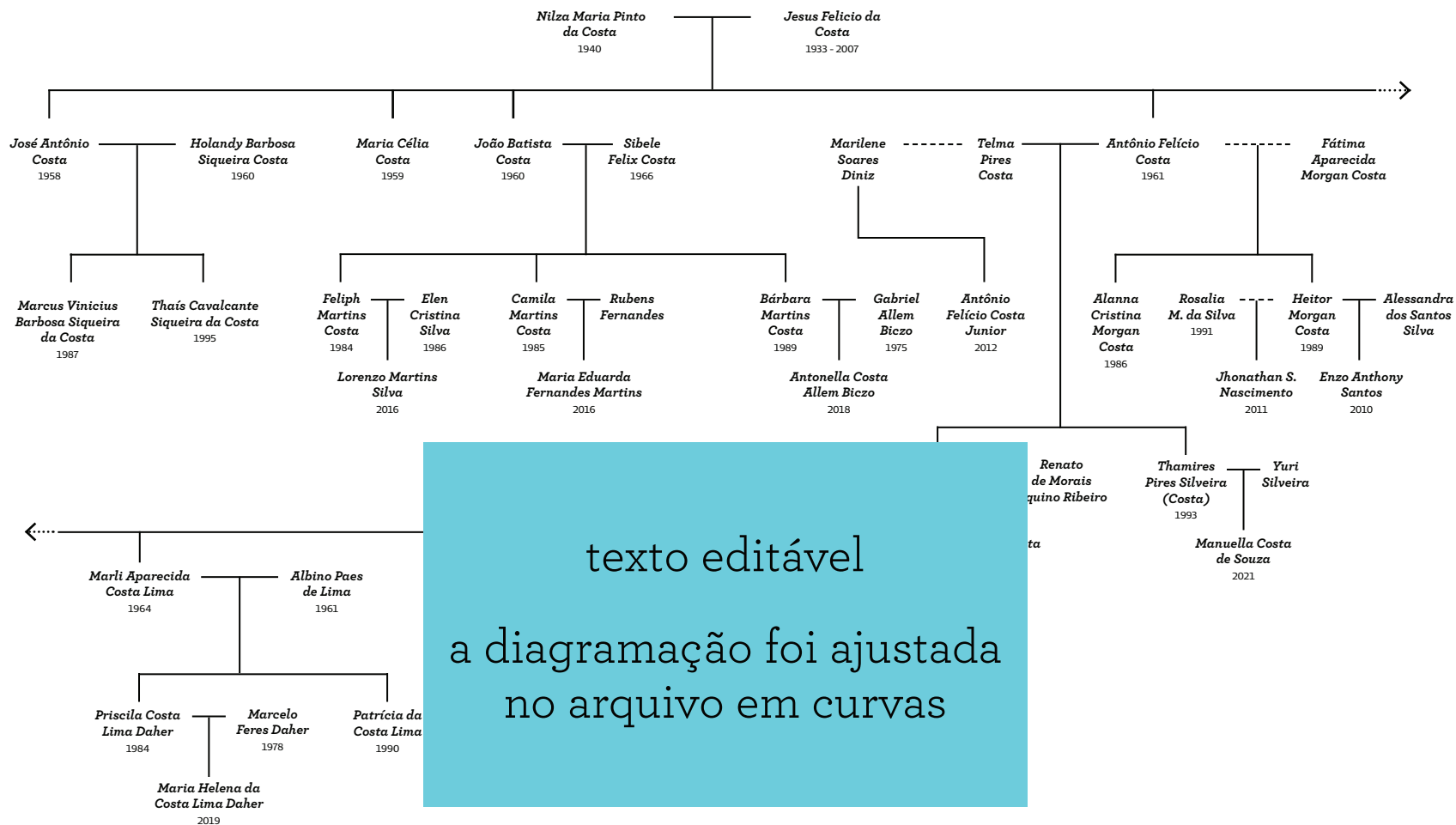
Antônio Lino Pinto

Novembro de 2022

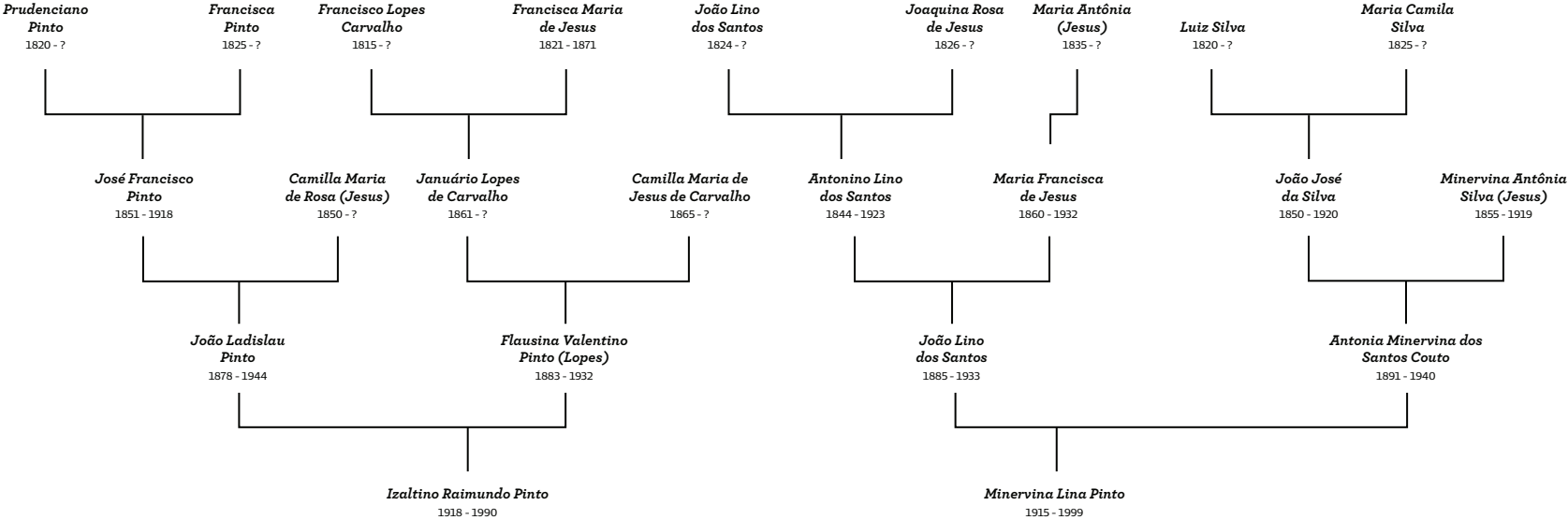
Descendentes



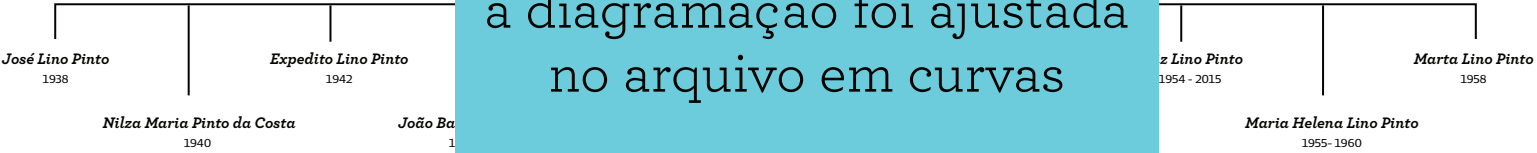
Descendentes



Antepassados



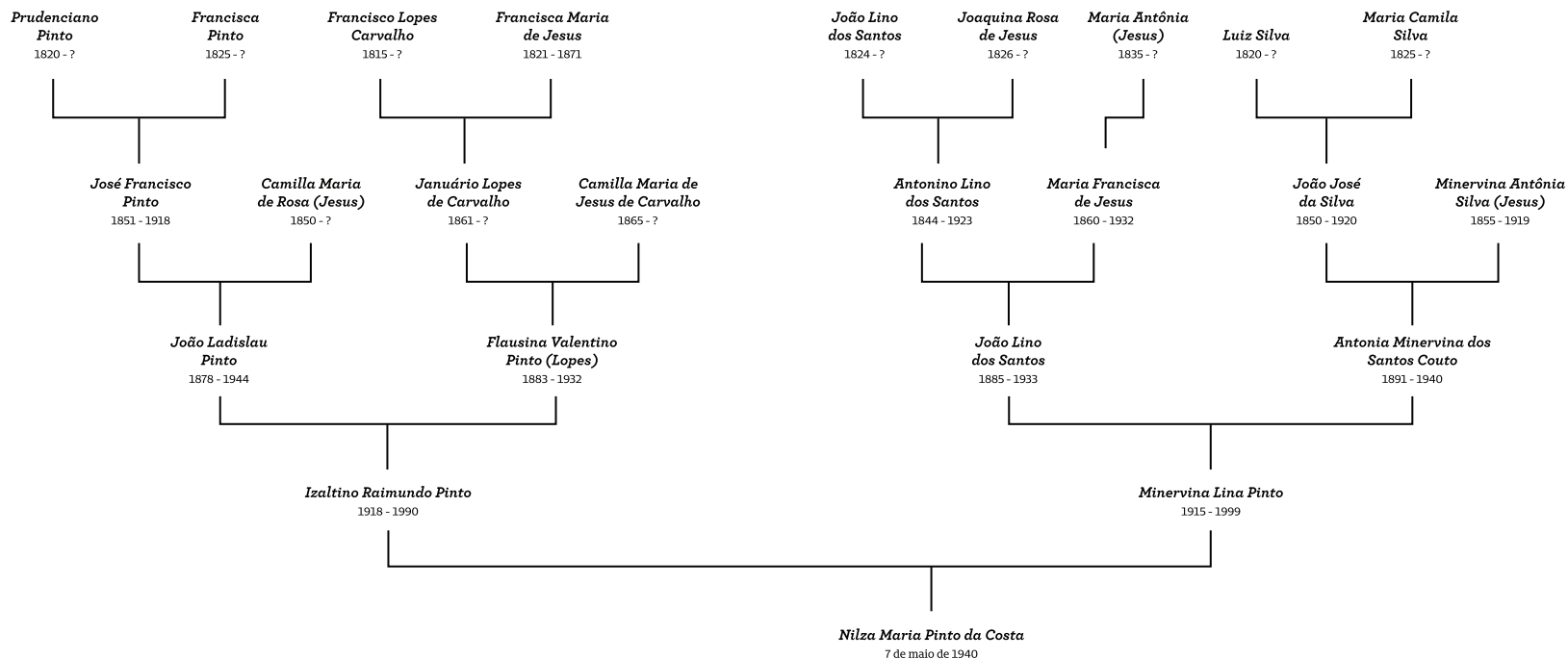
Irmãos



texto editável

a diagramação foi ajustada no arquivo em curvas

Antepassados

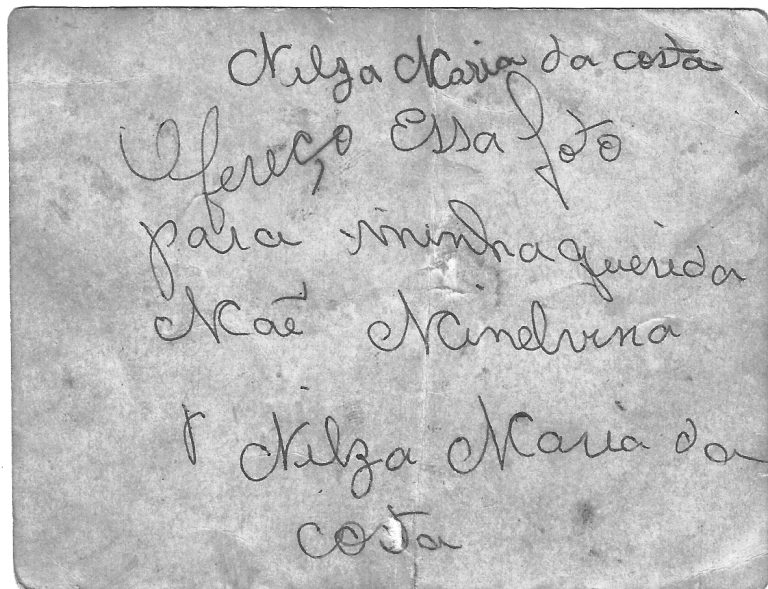


Irmãos





Duduca com os filhos: José Antônio, Maria Célia,
João Batista, Antônio Felicio e Marli Aparecida



Capítulos

1. Antigamente
2. Chau-baêta
3. Oração de Santa Catarina
4. Beijinho doce
5. Porco de festa
6. Pé de frango
7. Corte e costura
8. Mingau de couve
9. Pílula Brasil
10. Cachorro bravo
11. O porão da Almerinda
12. Chinelinho no pé
13. O casamento
14. Colchão de palha
15. Pau a pique
16. Cachinhos de neném
17. Santa tia Santa
18. Carteira de trabalho
19. Perdão
20. Viradinho à mineira
21. Poeira

1.

Antigamente

Antigamente as pessoas morriam muito cedo. Não cheguei a conhecer meus avós maternos. O pai da minha mãe, João Lino dos Santos, morreu em 1933 – não tinha 50 anos ainda. Minha avó, Antônia Minervina dos Santos Couto, morreu com 49 anos, em 1940. Minha mãe estava grávida de mim.

Meu avô morreu de tuberculose. Ele era jogador de baralho. Ia para a cidade na sexta-feira e só voltava no domingo à noite. Lá ele ficava na friagem, ficava jogando. Aí pegou uma gripe muito forte. Nessa gripe foi até morrer. Não tinha cura não: deu tuberculose e morreu, a mamãe contava.

Minha avó já tinha oito filhos quando meu avô ficou doente. Ela estava esperando uma menina, a tia Ilda. Ele tinha que ficar separado, em outro quarto, não podia ficar junto com ninguém. Então, quando a menina nasceu, levaram no quarto para ele ver. Meu avô falou assim: ***“Que menina forte! Eu acho que vou sarar, a menina está muito forte, muito bonita”***. Uma semana depois, ele morreu.

Assim que meu avô morreu, minha avó saiu na chuva, se sentou debaixo de um pé de mexerica, ficou lá sentada na lama, na chuva, triste... Depois disso ela ficou sete anos doente. E aí morreu também. Era tudo assim.

Meu pai e minha mãe nasceram em Visconde do Rio Branco. Minha mãe nasceu num lugar chamado Gruta do Bueiro. Meu pai nasceu na Gruta do João Pinto, que era o nome do meu avô.

Esse meu avô, João Ladislau Pinto, morreu em 1944. Eu era bem pequena, mas lembro dele, nas Cordeiras. Tio Rogério, irmão do meu pai, fez um pastinho pro velho. A gente tinha pouco contato, mas ia lá pedir a benção. O pai do papai não tinha religião nenhuma, não era de rezar, não. Mas quando ficou doente, quase para morrer, Tia Chiquinha, esposa do tio Rogério, fez um terço de talo de mamona para ele. Lembro do meu avô assim, mexendo no terço.

Meu pai era muito quietinho. Tia Chiquinha é que contava as histórias pra gente. Ela contava que meu avô costumava ir pra cidade a cavalo. Quando voltava, chegando na porteira, meu pai já tinha que estar em pé na porta de casa para pegar o arreio. Um dia, ele não viu – parece que estava deitado no banco e dormiu. Meu avô chegou, desceu do cavalo, tirou o arreio. Pegou um negócio que tinha lá e meteu o couro, bateu no meu pai. Tia Chiquinha, que

estava junto, falou: **“Vai matar o menino, meu sogro!”**. E não deixou ele continuar. O pai antigamente não conversava com os filhos não. Meu pai tinha que ficar ali, de plantão. Era igual às mulheres casadas, tinha que ficar de olho na janela: quando o marido estivesse chegando, esquentava a comidinha dele. Senão, tinha bronca.

A mãe do meu pai, Flausina Lopes de Carvalho, morreu em 1932. Dela não tenho lembrança.

2.

Chau-baêta

Meu pai era muito bonito, parecia um moleção. Minha mãe também era bonitona – ela tinha o cabelo preto todo cacheadinho. Mas nós todos puxamos meu pai, que tinha o cabelo bem liso. A gente falava que era corda de viola, de tão escorrido. E brincava com a minha mãe:

“Porque é que a senhora não casou com um homem que tinha o cabelo enrolado pra gente também sair igual?”. Naquela

época era moda: fiz muito permanente no meu cabelo, para ficar cacheado. As pessoas geralmente faziam na cidade, com aqueles ferros quentes, chapinha. Mas eu pegava espiga de milho e enrolava no cabelo – tipo bobes de hoje. Depois soltava os cachos.

Quando tinha uma festinha a gente fazia isso. A mãe fazia pra gente.

Minha mãe e meu pai eram vizinhos de fazenda. Eles se conheciam dali mesmo, se viam pela estrada, só tinha um caminho até a roça. Minha mãe era mais velha do que meu pai: quando casou ela tinha 24 anos, ele tinha 18. Depois de casado, meu pai foi servir o Exército. Minha mãe ficou na casa de uma irmã dele, tia Rita, até meu pai se liberar. Ele ficou seis meses fora.

A mamãe tinha um caderno com uns versinhos que o papai escrevia para ela. Antes era assim, aquelas coisas de namorado. Meu pai sabia escrever, tinha uma letra bonita. Acho que a mãe só lia. Ou alguém lia para ela, não sei. Conta ela sabia fazer, qualquer tipo de conta. Mas só de cabeça, no papel não. Se fosse para pegar uma caneta, ela não sabia. Mamãe guardou esse caderninho com os bilhetes do meu pai por muito tempo, cheguei a ver com ela quando morava em São Paulo. Lembro de um verso que dizia assim:

***Fui lá na sua casa
procurei não te encontrei
quebrei um pé de rosa
na sua porta deixei.***

Era bonitinho.

O papai falava que lá em Minas tem um passarinho todo vermelho, com a cabecinha preta. A gente via muito na beira do rio, do tamanho de um sabiá. Eles fazem ninho bem naquelas amarras de espinho, para ninguém tirar, bem espinhudo mesmo. Como a mamãe tinha o cabelo pretinho, bem cacheado, e gostava de usar um vestido vermelho, meu pai falava, quando via ela chegando: ***“Lá vem meu chau-baêta!”*** – que era o nome do passarinho. Isso tudo estava nos bilhetinhos que ele mandava pra mãe.

3.

Oração de Santa Catarina

Naquele tempo, as crianças faziam brinquedo com miolo de abóbora e espora de galo.

O Zezito amassava, colocava os chifrinhos e fazia um boizinho. Quando murchava, jogava fora. A bola era uma meia que enchia de pano. Quando sujava tudo, jogava fora e arrumava outra.

A brincadeira **passa anel** se chamava **passar o Felipe**. O anel era um caroço de café que saía junto – a gente falava que eram **gêmeos**. Quando tinha festinha ficava aquela roda de meninas. Depois tinha que adivinhar com quem estava o caroço: **“Com quem tá o Felipe?”**. Dali ia passando pro outro. Era a brincadeira da gente. Peteca também. E subir em pé de fruta: quando via mamão maduro na mata, a gente subia para catar. Mexerica era um sacrifício para tirar – os passarinhos comiam dentro, só ficava a casca. Tinha jabuticaba, pitanga, fruta do conde, sapoti, maracujá. A jabuticabeira era tão alta que precisava pegar uma escada de bambu. O pé de manga também era alto, mas a gente subia pelos galhos. De jaca ninguém gostava. Sapoti tinha na fazenda. Mas aí tinha que falar com o administrador, o Zé Ventura, pedir autorização. Para entrar lá era muito chato.

Quando a gente ia buscar lenha, fazia balanço de cipó e brincava nos pés de árvore. A mãe mandava os quatro – eu, Zezito, Expedito e João. Mas eles ficavam no açude brincando. E eu morrendo de medo de se afogarem. Então eu entrava no mato e fazia um feixe de lenha para cada um, para que eles não apanhassem quando chegassem em casa.

A gente só andava descalço. Mas cobra nunca mordeu ninguém. A mamãe mandava a gente rezar, ensinava uma oração pra gente ir buscar lenha. Ela falava: **“Vocês rezam. Na hora que vocês chegarem na beira do mato, vocês rezam. Aí se a cobra ver vocês, ela esconde”**. Então a gente entrava, rezava. E não via cobra não. Era lugar fechado, cada mata que a gente entrava, precisava de ver. Coisa de criança.

Essa oração é do meu bisavô, João Lino.
A minha mãe ensinou para todo mundo.
E eu passei para os meus filhos também.
Porque um dia eu vou esquecer, não é verdade?
É a **Oração de Santa Catarina**. É assim:

***Minha Santa Catarina, digna vós que
fosse aquela senhora que passaste
pela porta de Abraão, achastes 40
homens tão bravos como leões; vós,
com a Santa Palavra, abrandais
o coração dos meus inimigos. Se
têm pés, não me alcançam; se têm
mãos, não me agarram; se têm olhos,
não me vejam; e se me vejam tão
acorrentados de pés e mãos como o
Senhor Jesus Cristo se viu na cruz.
Para todo o sempre, amém.***

Na hora que falava ***“se tem olhos não me
vejam”***, minha mãe dizia assim: ***“Aí as cobras
fogem tudo, não vão ver vocês. Então vocês
podem tirar lenha sossegado”***, ela falava.
Em casa que tem descontrole de família, briga,
desentendimentos, é só você fazer a oração
com fé e acalma tudo, tudo bem. A gente
aprendeu da nossa mãe, que era do tempo
dos avós dela, nossos bisavós. Ela passava
pra gente.

4.

Beijinho doce

Eu nunca brinquei não, porque eu era a mais velha, tinha que cuidar dos meninos. Quando não estava levando alguma coisa na roça, estava ajudando a mãe dentro de casa, estava na bica lavando roupa, estava na beira do rio catando lenha. Mamãe só não me deixava fazer comida, com medo de que eu me queimasse. Quando ela estava de resguardo, era o papai que cozinhava.

Na safra da cana, a gente se levantava de madrugada: cinco e meia já cortando cana, com um frio que Deus deu. E não era cana queimada não – tinha que limpar com facão. No corte trabalhávamos eu, papai, Zezito, Expedito e João. Depois de cortar a cana, montava aqueles feichinhos. E quando o carreiro chegava, a gente mesmo carregava por cima. O pagamento era por carro que enchia. Cheguei a cortar 25 carros de cana numa safra. A mamãe ia marcando. Dava uma nota, mas ninguém guardava um tostão não, era tudo para a casa.

O Zezito ficava no engenho, colocando a cana na moenda. Depois de moída a cana, a garapa descia no cocho por umas canaletas de madeira, até os tachos. Meu tio Sebastião fazia pinga no alambique.

Eu tinha uns 11 anos quando cortava cana. Eu adorava ir para a roça, porque em casa

era muita criança e eu tinha que fazer tudo para cuidar deles. Na roça eu descansava. Era gostoso, a gente cantava o dia inteiro. Uma das minhas músicas preferidas era **Lampião de gás:**

***Lampião de gás
Lampião de gás
Quanta saudade
Você me traz***

Tinha também **Beijinho doce:**

***Que beijinho doce
Que ele tem
Depois que eu beijei ele
Nunca mais amei ninguém***

Era o que a gente cantava antigamente, trocando verso: um cantava, depois o outro. Ia cantando assim, eu e minha tia Carmen.

Cantava o dia inteiro, e não repetia verso. A gente não tinha tristeza, nada para ficar reclamando, tudo estava bom. O prazer que a gente tinha era ficar lá trabalhando. Eu não parava – tinha uma força danada. Meu pai me chamava de **pé de boi**, porque tudo que eu pegava, eu fazia. A gente não ficava doente.

Na roça, o papai não conversava com a gente não. A gente começava a cantar, ele começava a assoviar o canto que a gente estava cantando, mas ele não conversava com a gente. Ele só assoviava. Era o jeito dele, marrudão.

Se era tempo de milho, o meu pai ia fazendo a cova e a gente ia colocando os caroços. Ou levava a enxada para ficar carpindo e jogando terra. No tempo de colher era diferente: o pé de milho estava alto, a gente puxava a palha seca, quebrava a ponta da espiga e jogava no cesto. Eu gostava de tudo. Até chorava quando o papai não deixava ir para a roça, porque às

vezes ele falava: **“Fica aí, pra ajudar sua mãe na cozinha”**. Mas eu gostava de ficar lá. Não tinha nada, ninguém ficava conversando. Era só o prazer de ficar trabalhando mesmo.

Na hora do almoço, o meu irmão ia buscar a comida em casa. Ou ele, ou eu. Se era muito longe, já levava pronto. A gente colocava os caldeirões dentro de uma cesta de taquara, que meu pai e minha mãe faziam. Chegava na roça, na hora do almoço, acendia um foguinho no chão, esquentava e comia. Aí só ia comer de novo à tarde. Não tinha esse negócio de café da manhã, com pãozinho, manteiga, leite, não. Era só o café preto e olhe lá, que a gente tomava e ia para a roça. Mas o almoço era cedo, às nove horas. Quando era meio-dia, tinha o café. A chaleira vinha junto. Na hora de tomar acendia o foguinho de novo, no meio do mato. Só ia jantar de tarde, quando chegava em casa.

Na hora de esquentar o café, geralmente o Zezito queria ir, passava na minha frente. Mas teve um dia que papai mandou e ele ficou bem caladinho, não quis ir não: **“Ah, pode mandar a Duduca”**. Eu fui. Cheguei lá, abri a cesta, tomei um susto: o Zezito tinha enchido de mandruvá – ele sabia que eu tinha medo. Não sei onde esse menino arranjou tanto mandruvá. Ele ria que fazia gosto.

5.

Porco de festa

Na safra da cana, em maio, tinha reza numa igreja no alto do morro do Clemente. Era a Coroação. Vinha gente de longe. Mas o papai não deixava a gente ir. Nem ele saía, nem deixava sair.

O papai só consentia que a gente fosse às novenas no Clemente se o Zezito fosse junto. Mas aí o Zezito não queria levar o João. Então a gente andava e se escondia no caminho, para despistar. Um dia quase que a reza acaba e a gente não chega a tempo na igreja, porque o Zezito se escondeu comigo e com Expedito dentro de um bueiro. O João passou em cima da ponte e não viu a gente. Olha que ruindade – só para o menino não ir junto.

Meu pai gostava de fazer festa de aniversário: vinha sanfoneiro de longe para tocar no baile. E tinha jogo de caçarimba (que hoje chamam de bingo). Mas não tinha briga, não tinha nada, não tinha beberrão. Era festa, uma alegria, precisava de ver que beleza – com comida, tudo comida. Não tinha esse negócio de fazer bolinho enfeitado não: tudo coisa forte mesmo para as pessoas comerem. E tinha as cachacinhas, mas era coisinha mínima, não era muita coisa. O pessoal ia para se divertir, dançava a noite inteira e depois ia embora. A gente se divertia muito por causa disso, porque o meu pai gostava de fazer. Ele fazia o aniversário da minha mãe e fazia o dele – o da minha mãe é mês de julho, dia 9. E o dele era 23 de janeiro. Então eram duas festas no ano. A gente ficava contente só com aquilo. Era assim.

Para ir à missa, a gente vestia o mesmo vestido de sempre. Ficava guardadinho lá: quando a gente fosse à missa, vestia. Depois que

chegava, lavava e guardava de novo.

Quando era um casamento, se arrumava mais. Meu irmão Zezito era muito bonito, ele andava de chapéu de lebre. E de terno. Os rapazes eram muito bem arrumados nos bailes.

Os vestidos da gente era tudo a minha mãe que fazia, tudo com aqueles paninhos estampadinhos, de chita. Voal era pro vestido de missa. Não podia mostrar as pernas. E tinha que ser de manga, porque meu pai não deixava ficar sem. Mas quando saía de casa, no meio do caminho, eu levantava a manga para cima do ombro. Chegando em casa baixava de novo, para ele não brigar. Também não podia passar batom, mas eu e a Carmen molhávamos papel de seda vermelho e passávamos na boca. Na volta tinha que limpar tudo, senão papai batia.

Festa de Natal não tinha. Só as comidas, não tinha festa. As pessoas guardavam frango,

deixavam crescer para matar, para comer no dia de Natal. Engordava o porco para assar o pernil, aquelas comidas gostosas. E os doces. Mas não tinha esse negócio que tem hoje, essas coisinhas de enfeite. Nem presente.

Engordava os porcos no chiqueiro, dava comida – com três meses estavam gordinhos. Então matava, tirava os quatro pernis. Nos casamentos também, matava cabrito e já tirava aqueles pernis para assar – tudo no forno de lenha. E fazia licor, não tinha cerveja. Ou então era café com leite e broa de fubá, nas chegadas do casamento. No meu foi assim: no dia reservava o leite da fazenda só para o casamento.

O meu pai só engordava os porcos, não matava. Tinha uma pessoa que vinha para fazer o serviço, de madrugada. Quando a gente era pequeno tinha dó de matar, então matavam os porcos escondido. Mas a gente sabia. A mãe

mandava dormir cedo, a gente ia deitar e via o meu pai catando folha de bananeira, que era para fazer fogueira para sapecar o bichinho. Aí nós não dormíamos. A gente escutava a gritaiada de madrugada, o bichinho gritando até calar... é muito triste. No dia seguinte, minha mãe fazia uma trempe do lado de fora para preparar a carne: lavava, cortava, fritava, guardava, fazia o chouriço – era um dia inteiro de serviço. Quando a situação não era boa não tinha toucinho – vendia a carne do porco e só ficavam os miúdos. A gente não gostava de ver o sofrimento deles, mas todo mundo comia, era gostoso. Até que a minha mãe parou de matar o porco em casa e passou a vender inteiro, vivo, por causa da gente.

6.

Pé de frango

Na roça tinha vários tipos de passarinhos.
O nhambu parece uma rolinha, não tem rabo.
Ele corre e se esconde dentro das moitas.
E o ovo dele é azul! Tinha até uma música:

Galinha botou ovo azul

O galo se admirou

O galo que não vai na conversa

Pegou o pavão e matou.

Já a seriema come cobra. Elas batem o bico na cabeça para matar. De longe a gente escuta os gritos delas, no alto do morro. Elas fazem o ninho no último galho da árvore, quase ninguém via, era difícil.

Tatu a gente comia. E ouriço também. Eu e o Zezito íamos buscar lenha, eles corriam, a gente ia atrás. Arrumava um pau e ficava cutucando até cair da árvore. Diz que joga espinho, mas não caía coisa no olho não, isso é mentira. A mamãe não deixava fazer no fogão, que é bicho, né? A carne dele parece de frango. A gente sapecava lá fora, tirava o couro, lavava na bica, fritava na fornalha, onde a mamãe fazia sabão. Era gostoso.

Tatu também, eu corria atrás. Em tempo de lua clara, eles saíam. Um dia fui na tia Carminha, passear com os meninos. Na hora de vir embora, de noite, vi um tatu passando. Joguei o Luiz no chão e corri atrás do tatu! Taquei no

rabinho dele e consegui segurar. Eu não sabia tirar a casca, mas a mamãe fazia pra gente. Agora, cobra, preá... a gente não comia essas coisas não, de jeito nenhum.

Arroz era muito difícil de ter. Só no domingo, se tivesse visita. Ou então para as crianças pequenas. O Expedito era muito enjoado para comer, por isso mamãe sempre tinha um arrozinho pra ele. Da abóbora ele só comia aquela rapinha verdinha de cima. Se tivesse o miolo, não comia. E o arroz tinha que deixar queimar a rapa no fundo, se não também não comia.

Já eu comia qualquer coisa. Papai me chamava de **boca de cabrito** – tudo eu comia, gostava de comer, qualquer verdura, não ligava não.

Teve um dia que papai comprou focinho de porco. Ele gostava de comer aquelas coisas. Sempre que ele chegava em casa assobiando,

a gente sabia que tinha bebido uma cachacinha. Ele não bebia como muita gente bebe hoje, nas vendas, pra cair. Todo mundo tinha um tal de beber um pouquinho de tarde, porque na volta da roça passava no alambique. Então, nesse dia, papai chegou em casa e pediu: **“Faz um beijo pra mim, muié!?”** – e ria que fazia gosto.

Quando bebia, papai ficava mais alegre, nós gostávamos. O Zezito tocava violão, o Expedito tocava cavaquinho. E nós cantávamos: um fazia a voz fina, o outro fazia a grossa.

***Encosta sua cabecinha no meu ombro e chora
E conta logo suas mágoas todas para mim
Quem chora no meu ombro eu juro
que não vai embora
Que não vai embora
porque gosta de mim***

Papai ria. Aí mandava a gente dançar – era tão engraçado!

Quando matava porco capado, o caldeirão do meu pai era coberto de torresmo. Mamãe cuidava muito bem dele. O Zezito, quando ia levar a comida na roça, chegava na sombra, abria a marmita, tirava um. Mas o pai descobria por causa da marca que ficava no arroz, onde estava o torresmo.

Toda vez que papai fazia aniversário, a gente sabia que ia comer comida boa. Além de macarrão e tutu, mamãe matava um galo. O peito era inteirinho do papai. Ele falava assim: **“Do frango eu só gosto do peito, o resto vai a eito”**. A coxa ficava para os pequenos. Os filhos maiores comiam a costela. A mamãe gostava do pescoço, comia com quiabo. O pé tinha uma lenda: quem comia um tinha que comer o outro. Se não, diziam que ia ficar ciscando com um pé só. Então eu entrava bem, porque comia os dois.

7.

Corte e costura

Minha mãe levantava às quatro horas da manhã para costurar na maquininha. Eram uns panos grossos. E quando quebrava uma agulha, para ir comprar... Nossa Senhora! Mamãe criou nós todos assim: costurando. Quando meu pai mudava de fazenda, mamãe não colocava a máquina de costura no carro de mudança, não. Ela fazia uma rodilha de pano, colocava a máquina na cabeça e ia a pé, na frente do carro de boi, com medo de quebrar. Porque se quebrasse, como é que ela ia fazer? Era o nosso ganha pão.

Mamãe costurava calça, camisa – roupa para a roça. Roupa chique ela não fazia. Quem fazia até vestido de noiva era a minha tia Olguinha. Ninguém ensinou, aprenderam sozinhas. A minha mãe aprendeu a costurar desmanchando calça, colocando o pano em cima e cortando. Ninguém tinha curso antigamente, era tudo a inteligência mesmo. O pano ela comprava na cidade, na rua. Media na régua e trazia.

Eu nunca gostei de máquina de costura, tinha até raiva. Eu gostava de bordar. Minha madrinha, comadre Norfina, irmã do tio Sebastião, era bordadeira, me ensinou: fiz pano de cozinha, pano para vasilha de água, para moringa – tudo tinha um bordadinho para cobrir.

A mamãe fazia costura e entregava na venda. Sexta-feira o pessoal ia fazer compra e pegava. Um dia, o Zezito foi levar a roupa. Os caras pagaram, o Zezito gastou o dinheiro e mentiu:

falou que tinha perdido. Então ficaram no mato procurando. Mas era mentira. A mãe bateu tanto quando descobriu... Ela tinha chegado do mato, tinha ido buscar lenha. Chegou com um cipózão grosso, que amarrava o feixe de lenha. Pegou aquele cipó e deu em cima do Zezito. Bateu mesmo. Fiquei com dó.

Eu era boazinha. Nunca apanhei do meu pai nem da minha mãe. Nunca. Minha mãe era meio bravinha, qualquer coisa ela arrumava uma falação, mas quando ia para o meu lado o papai falava assim: **“Essa daí, não”**. Mas acho que eu não precisava de apanhar, porque tudo eu fazia: ajudava a cuidar dos meninos, não respondia. Quando minha mãe ficava brava comigo eu cantava: **“Encosta sua cabecinha no meu ombro e chora...”**, cantava pra ela. Ela respondia: **“Canta, pode cantar, que seu couro tá tratado e sua lã tá vendida”** – querendo dizer que eu não tinha do que reclamar. Eu cantava de raiva, porque não podia responder.

8.

Mingau de couve

Mamãe e papai faziam cesto de taquara. A mãe também fazia peneira e chapéu. O chapéu era feito com um matinho chamado ***pé de galinha***. A gente arrancava o mato, colocava na sombra para murchar, para não quebrar. Quando estava bem murquinho fazia o chapéu. Era chapéu de missa, viu? Chapéu para passear no domingo, todo mundo arrumadinho, era tão legal. Para trabalhar a mãe fazia de outro tipo, com a aba mais larga, chapelão para não queimar no sol.

As peneiras eram de três tipos: de feijão, de café – com os buracos maiores – e a fininha, que era de arroz. Tudo de taquara. A gente colocava o arroz no pilão, socava, e ia soprando, balançando a peneira pra cima e pra baixo. O buraco não podia ser muito grande. Minha mãe tecia no chão, colocava o aro de bambu, depois ia arrematando. Fazia para vender, na Gameleira. Tinha muita encomenda.

Mamãe também fazia forno de barro com casa de cupim. Ela arrancava o cupinzeiro inteirinho do pasto. Levava para casa, cobria com uma massa de areia e cinza e esperava secar. Depois ela colocava fogo dentro. Com as brasas assava broa para nós. A mãe era doida, viu?

Lá na roça tinha uma batata chamada caratinga. Onde mamãe via um pé de caratinga ela pegava o enxadão e subia,

até arrancar. Arrancava, trazia e cozinhava pra gente comer, com arroz. Ela costumava fazer muito mato refogado também – capim sova, serralha, taioba. Outra coisa que a gente gostava era umbigo de banana. A mamãe tirava aquela casca roxa de fora e ferventava para tirar a **nódia**. Era gostoso.

Tinha também o mingau de couve com bolinho de ovo. A mãe refogava a couve, colocava água, depois o fubá. Quando começava a engrossar batia o ovo no prato ou na tigela, punha o fubá com os temperos, fazia os bolinhos, fritava e ia colocando dentro do mingau. Comia com angu e feijão. Sei a receita, até hoje cozinho, mas não fica igual o da mamãe.

9.

Pílula Brasil

Dona Maria Elia, conhecida como Sá Lia, era benzedeira no Cruzeiro. A gente levava os meninos para benzer com ela. O Luiz vivia doente. Sá Lia benzia e fazia remédio para lombriga, aqueles unguentos. Além de benzedeira, era parteira. Ela ficou comigo quando ganhei o João. Ela tinha carta do médico para ser parteira, para atender as pessoas em casa. Quando fui ganhar o João, falei um mês antes, se não chegava no dia e ela não podia ir. Não cobrava nada. A gente dava a criança para ser madrinha, às vezes. O que ela usava nas garrafadas era hortelã, santa maria, muito chá cheiroso. Cozinhava tudo e fazia aquela garrafada para os meninos. Minha mãe também fazia alguns remédios do mato pra gente: chá de losna, hortelã, assapeixe, carqueja, folha de laranjeira – que é calmante. E fazia macaé também: esfrega, põe na água fria e bebe.

Já o dentista só sabia uma coisa: arrancar dente. Todo mundo novinho e desdentado. Porque qualquer dor de dente, os pais falavam: vai lá no doutor Vicente. Às vezes o dente estava bom, chegava lá e ele arrancava. Uma vez reclamei de dor, minha mãe falou: **“Tá bom, amanhã você vai no dentista”**. Fui eu e o Expedito. **“Se doer fala que não tá doendo, hein?”** – minha mãe disse. Quando o dentista mexia com o boticão na minha boca, eu não reclamava, mas erguia o corpo todo. A gente obedecia. O doutor Vicente me aplicou três anestésias, não pegou nenhuma: **“Agora não dá mais, tem que tirar”**, ele falou. Tive que arrancar o dente a sangue frio mesmo. Aí voltei para casa e fiquei tão ruim, inflamou tudo, inchou, deu hemorragia. Eu tinha uns 11 para 12 anos.

Tinha também o doutor Ulisses, o médico. O consultório era na cidade, na praça, bem em frente ao jardim. Todo mundo se tratava com

ele. O remédio era um só: pílula Brasil e pílula vitalizante. A pílula Brasil tomava primeiro, a pílula vitalizante depois – diziam que era vitamina, uma vermelha. Só isso que ele dava, era a receita dele. Doutor Ulisses era bonzinho, às vezes dava almoço para as crianças.

10.

Cachorro bravo

Era muito difícil a gente ir para a cidade. Só quando ia vender alguma coisa na rua: mamão verde, abóbora, banana. As pessoas encomendavam no botequim e a gente entregava. Saía cedo de casa, com a cesta de taquara na cabeça, e só voltava de tarde. Entregava lá no botequim da dona Chiquinha. Eu levava 120 bananas na cesta. Cortava, arrumava tudo bonitinho. Fazia uma rodilha de pano grosso, punha a cesta na cabeça e ia para a cidade vender banana. Também levava mamão verde no saco, um saco branco – colocava metade pra frente, metade pra trás, no ombro. Cortava o saco e dividia. Ia andando e voltava andando, não tinha bicicleta não, era nossa perna mesmo. O caminho era tudo roça, tudo cana, estradinha de terra. Tudo descalço. Se estivesse chovendo você punha um chinelinho dentro de uma sacola e pegava um pano velho. Chegava a uma distância você lavava os pés onde tinha alguma água e calçava o chinelo para entrar na cidade.

Quando ia embora tirava de novo. Não tinha recurso, era assim.

Teve uma vez que eu e Zezito fomos levar as bananas lá nesse botequim. Mas escureceu. E a gente tinha medo de vir embora sozinho de noite – nós erámos molequinhos pequenos. Aí veio passando um cavaleiro, e nós fomos correndo atrás dele. Os fazendeiros iam muito na rua, pra cidade, iam cedo e voltavam de tarde. O homem viu que a gente estava com medo e maneirou o passo do cavalo, levou devagarzinho. Mas não conversava também não. Quando a gente saiu daquele lugar feio ele passou a espora e se mandou. Sabe o medo que a gente tinha? Era só cachorro bravo.

Outra vez eu e Expedito fomos na casa não sei de quem lá, e tinha que passar na fazenda do seu Alexandre. Os cachorros bravos ficavam soltos à noite e presos de dia. E nós passamos muito cedo, não tinham prendido o cachorro

ainda. Quando o cachorro viu a gente, avançou. Expedito se deitou no chão, tadinho. Ele andava com um porrete, e ficou deitado no chão batendo o pau para o cachorro não morder. A gente chamava e ninguém acudia, porque era muito longe a fazenda da estrada. Passamos o maior aperto.

Anos depois, eu morava na fazenda dos Ferraz e fui visitar a mamãe na Camelinha. Levei a Célia no colo e o Zé pela mão. Lá perto escutei uns gritos: **“Olha o cachorro zangado! Olha o cachorro zangado!”**. Encostei no barranco, o bicho passou. Diz que cachorro zangado só olha pra frente, não olha pros lados. Eu morrendo de medo. Mas não viu a gente não. Os homens corriam atrás até matar. Matavam com paulada. Quando cachorro fica louco, babando, sai de casa, desaparece. Se encontrar alguém morde mesmo. Quanto mais anda, mais vai. Eles não param quando estão doentes.

11.

O porão da Almerinda

Eu ia na escola, mas não aprendia. Não aprendia porque a professora era minha madrinha, professora Ivone. Ela era boazinha, não me apertava. E eu já não gostava – não gostava de matemática, de fazer conta. E quando a gente chegava da escola, no nosso tempo, tinha que fazer todo o serviço em casa. Aí não tinha jeito de aprender. Além disso, meu pai mudava muito de fazenda. Às vezes a gente ia morar em uma fazenda para trabalhar, a mamãe custava para arrumar uma escola. Quando conseguia, o meu pai mudava de novo. Então foi tudo atrasado assim.

E não tinha escola como hoje, com carteira para sentar, não. Era uma tuia no paiol. Vinha um professor de longe para dar as aulas. Tinha a turma dos meninos e das meninas, não se misturava. Quando era época de prova, a gente sentava no meio do goiabal, na sombra, para estudar a tabuada.

Na Fazenda do Seu Juquinha, a filha dele era professora. Ela se chamava Almerinda – professora Almerinda. Ela era muito ruim, batia muito nos alunos. Quando eles faziam arte, ela mandava cortar vara de goiaba para bater neles. E batia mesmo. Zezito era muito danado, muito arteiro. E ela não gostava, batia, punha de castigo no caroço do milho. Na saída, colocava o caderno pendurado nas costas, pra todo mundo saber que a criança tinha feito alguma coisa errada na escola. Um dia, a professora Almerinda colocou meu irmão de castigo no porão: **“Só vai sair daí quando o seu pai chegar”**. Fui correndo buscar o papai,

já de noite, três léguas da escola até em casa. Se reclamasse apanhava de novo em casa.

No meu tempo, mulher não costumava estudar. Começaram a falar para o meu pai que ele estava com filha casadeira na escola, ele ficou com raiva e me tirou. Falou assim: **“Vai embora, não vai pra escola mais não, vai pra casa ajudar sua mãe na cozinha”**. Obedeci.

12.

Chinelinho no pé

A gente via as coisas diferentes acontecendo no nosso corpo e ficava escondida. A mãe não dava conta de nada. Eu tinha 13 anos, não falei nada. Lavava as pecinhas lá na bica para a mãe não ver, estendia na cerca da horta. Depois, de tarde, pegava de novo e vestia. Só uma vez ela desconfiou: a gente ia para a roça trabalhar e não podia ir em casa trocar de roupa. Então eu vestia aqueles panos assim, ficava tudo ensopado, um sol quente. Aí escutei ela falando para o papai: ***“Vê se deixa ela vir em casa de vez em quando”***. Mas não falou o porquê também: ***“Não pode deixar o dia todo lá assim no meio da roça, deixa ela vir em casa”***.

A gente sabia porque eles falavam, que quando a gente virasse moça tinha aquelas coisas. Diziam também que não podia sentar onde o homem sentava porque senão ficava grávida. E não podia chupar laranja porque era azedo. Não podia comer cana, não sei por quê.

Não podia comer mamão porque era frio.
Não podia comer banana porque descia muito.
Não podia comer carne de boi porque dava
doença no pulmão. Não podia comer verduras
que tinham espinho. Era uma dieta danada.

E também não podia ficar descalço, pegar
friagem. Então toda moça que estava de
chinelinho no pé é porque estava menstruada,
a gente sabia.

Quando a gente ganhava neném era pior
ainda: não podia comer nada. Meu filho, Toni,
nasceu em dezembro – era tempo de feijão.
Mas minha madrinha falava: **“Você não
pode comer feijão novo, porque faz mal”**.
Fui pondo aquilo na cabeça. No tempo de
manga, cheirava a casa inteira, mas eu também
não podia comer. Até que uma vizinha disse
que não fazia mal, então peguei e falei assim:
**“Vou comer escondido, se fizer mal eu
fico quieta. Se não fizer eu continuo”**.

Aí comi, peguei as mangas, o peito encheu, o
menino mamou oito meses. Montei na manga
– não fiz dieta mais não.

Minha segunda filha nasceu no mês de maio.
Eu só comia sopa de galinha. Matava a galinha,
fazia aquela sopa de farinha de milho – cinco
dias você tinha que comer aquilo. Uma galinha
dava para dois dias. Mas então as bichinhas
pegaram uma doença muito horrível que
dava antigamente nas criações: inchava a
cabecinha e depois morria, não podia comer.
Quando dava essa doença nas galinhas todas
as fazendas tinham, não adiantava comprar
em outro lugar. Então minha sogra começou
a quebrar milho no moinho para fazer
canjiquinha cozida.

13.

O casamento

Antigamente, você não casava porque tinha amor: você casava para sair de casa. Porque o que seu pai não deixava fazer, você achava que casando podia fazer, que ia ter mais liberdade longe dos pais. A gente não sabia a responsabilidade, ninguém conversava sobre isso. Era tudo na escuridão, modo de dizer. No meu tempo ninguém namorava. Alguém falava assim: ***“Ali tem um fulano e o Seu Izaltino tem uma filha boa pra casar”***. Então esse rapaz pedia a alguém para falar comigo.

Com o Tuta [Jesus Felício da Costa], meu marido, foi assim: teve uma vez que a gente foi na cidade para levar as coisas, na venda do Filipinho, eu com os meus irmãos. O Tuta estava com um carro de boi, ofereceu carona, que era muito longe: ***“Entra aqui que eu levo vocês”***. Mas tinha que ser escondido. Se a mamãe e o papai soubessem, achavam ruim. Então eu e meu irmão, Zezito, não falamos nada. Aí pegaram a dizer que ele estava

gostando de mim e mandou o meu tio João perguntar para o meu pai, que nem perguntou nada para mim: já marcou o casamento para dali a oito meses. Eu achei ruim demais. Mas era desse jeito: a gente casava porque o pai mandou. Então o papai já começou a comprar as coisas na cidade, a separar os porcos para a festa.

O Tuta tinha que ir lá só no sábado. Ficava na roça ou jogando bola com os meus irmãos no quintal. Sentar perto não podia, nem conversar. Meu pai é que conversava com ele. Eu só dava boa noite. Nem pegar na mão não pegava.

Na festa de Semana Santa meu pai mandava a gente ir na terça-feira, porque terminava às nove horas, enquanto na sexta-feira ia até mais tarde – onze horas, meia noite. Na terça, o santo que ficava na Igreja de Santo Antônio, na cidade, vinha pra Igreja de São João Batista. Na sexta da Paixão, saíam os dois santos na procissão, era muito bonito. Eu casei nessa

igreja, os meus meninos foram batizados nessa igreja, tudo ali.

Quando a gente mudou para a fazenda éramos três moças: duas primas e eu. Os patrões eram muito amigos dos empregados, e prometeram vestir a primeira que se casasse – a primeira fui eu. Os patrões moravam no Rio de Janeiro, mas nas férias estavam lá. Deram tudo: o dinheiro para fazer o vestido (não tinha para comprar pronto), pagar a costureira, o sapato, deram de tudo. Então com a vestimenta o meu pai não gastou nada.

No meu tempo o casamento era junto: casava no cartório primeiro e depois ia para a igreja. Era pertinho. Fui para a cidade me vestir na casa onde minha tia Carminha trabalhava – uma casa de família, da dona Marica. Fui a pé, de vestido de noiva, até o cartório, depois até a igreja, todo mundo olhando, eu arrastando o vestido no meio da rua. Na hora de vir embora,

com os convidados na porta da igreja, falei assim: **“De carro de boi, embora, eu não vou”**. Eu era muito boba, não conversava não. Falei: **“A pé também não vou”**. O meu cunhado tinha um caminhão, mas falei: **“De caminhão eu não vou embora, que é desaforo”**. Ficou todo mundo quieto lá porta da igreja, ninguém se decidia. Até que um padrinho de casamento do meu marido, o Toni do Guido, alugou um carro e levou a gente para casa.

No caminho, o carro atravessou no meio da estrada, num barranco alto perto de um rio: **“É hoje que eu vou cair no buraco”**, eu pensei – foi o que veio na minha cabeça. Dali desse buraco, no Morro do Pilão, eu fui andando até em casa, vestida de noiva. Não tinha quem arrumasse, o carro ficou atolado até no outro dia. Zezito ficou cuidando.

Chegando em casa teve a festa, em casa mesmo. Só que como a gente morava na gruta,

eles colocavam aqueles arcos de bambu com folha e fazia bonitinho, enfeitava tudo. Quando você via uma encruzilhada enfeitada com florzinha de papel é porque tinha casamento. A gente passava debaixo para chegar em casa. Aí teve baile, teve tudo, tinha muita gente. Foi festa a noite inteira. Casei muito cedo, com 17 anos.

Na hora de dormir, vem a história... O quarto estava arrumadinho, mas meu pai falou assim: **“Na hora de dormir não é para dormir nesse quarto não”**. Eu falei: **“Está bom”**, para mim tanto faz como tanto fez, não sabia nada. Tinha muito menino lá, crianças que foram com os pais no casamento. Deitei no quarto da minha mãe, no meio do chão, todo mundo lá dormindo. Deitei também. Minha mãe que foi lá e falou: **“Você hoje não vai dormir aqui, você vai dormir lá no seu quarto”**. Eu disse que papai não tinha deixado, mas ela me pegou no braço e levou: **“Você vai dormir lá”**.

14.

Colchão de palha

No nosso tempo, quando nasciam as crianças, a mulher tinha que ficar cinco dias na cama. Minha mãe cuidava do neném até cair o umbigo. Depois era eu que ajudava a criar: dava banho, dava mamadeira – que a mamãe nunca teve leite não. Dava de mamar uns dias só, então passava para a mamadeira.

Nossa casa no Clemente tinha três quartos: o da mamãe e do papai, o meu com a criançada e o dos meus irmãos. No fundo era a cozinha. Do lado de fora, na frente, era o quintal de milho. Atrás, o bananal.

As crianças pequenas dormiam todas comigo, aquele monte de menino: três para cima, três para baixo. E eu do lado. Às vezes faziam xixi na cama – teve um dia que fui com o vestido molhado para a escola (a gente dormia de roupa e tudo, não tinha pijama, essas coisas que têm hoje). Era longe. Fiquei com vergonha.

Os meninos choravam de noite, mas era gostoso. Eu adorava essas crianças. O Antônio era muito chorão, tinha dor de ouvido, chorava muito. Quando cresceu um pouco ele enfrentava o papai nas brigas – pegava um pedaço de lenha e dizia: **“Vem, vem procê ver! Eu jogo lenha no machucado, hein, lenha no machucado!”**. O papai tinha um machucado na perna. Mas não levava a sério, achava engraçado. O Antônio me chamava de Cuca. Na hora de comer, servia o arroz, ele queria em outra vasilha: **“Eu quero arroz na tigela branca, Cuca!”**. E chorava, chorava – era

muito birrento. Por causa da dor de ouvido, tadinho.

Foi o Zezito quem começou a me chamar de Duduca. Eu achava ruim, não gostava. Mas minha mãe explicou que esse nome era de uma mulher muito rica que morava na cidade – a irmã do Chico Donato. Então não me importei mais. Daí, espalhou.

Minha mãe era caprichosa – ela não deixava a gente na pobreza não. A gente nunca dormiu só na esteira. Ela sempre dava um jeitinho de pôr a esteira embaixo da cama, fazer um colchãozinho e pôr a gente por cima. Ela fazia colchão de palha: comprava pano, a gente rasgava as palhas de milho e enchia o colchão. Ou então cortava o capim (tinha um tipo certo para encher colchão) e deixava secar. Para a esteira a gente pegava umas folhas no brejo – folha de taboa. E ia trançando, amarrando, depois cortava o beiral.

A comida da gente era comida da roça mesmo: angu e feijão. Arroz era só na colheita – a gente socava no pilão, peneirava. E a mamãe fazia. No mais era mingau de inhame, mingau de couve (aqui fala quirera, canjiquinha). E verduras: couve, almeirão, que todo mundo tinha horta. Na hora de comer eu pegava a vasilha e dava pros meninos no meu colo. Eles não pediam nada para a mãe, tudo era eu. Às vezes a gente ia na reza, tinha uma capelinha no alto do morro. A mamãe costurava cada roupa bonitinha! Eu ia toda metida levar as crianças na missa. Todo lugar que eu ia, levava os meninos comigo.

Quando a minha mãe foi embora para São Pedro dos Ferros eu tinha oito dias de casada. Os meninos ficaram chorando para eu ir embora também. O Antônio falava assim: **“Leva ela, mamãe, leva ela! Vamos comigo, vamos comigo, Cuca! Vamos Cuca!”**. Eu chorando e eles chorando, querendo que eu

fosse junto. Sentiram muito quando eu casei, porque a mamãe ficou sozinha.

15.

Pau a pique

Depois que minha mãe foi embora para São Pedro dos Ferros, eu fui morar com a minha sogra. Esse padrinho que deu a roupa para casar deu também a madeira para fazer a casinha de pau a pique. Era um quarto, uma sala e uma cozinha. A casa foi feita no dia 24 de junho, dia de São João. E eu casei cinco dias depois, então ainda tinha que esperar as paredes secarem. Por isso fui morar com a minha sogra.

Eu casei no dia 29 de junho. Quando foi no outro mês já fiquei grávida do primeiro menino. Até fiquei com raiva, falei para o meu marido: **“Como é que vai fazer pra ter menino aqui, como é que vai fazer?”**.

Quase morri no parto. Não tinha mamãe perto, quem ficou comigo foi minha tia Niguita – ela e a parteira.

Comecei a passar mal na terça-feira. Na quarta-feira em grito. Quinta-feira em grito. Nasceu na sexta-feira de manhã. E o marido não podia entrar no quarto não: se estivesse nascendo neném tinha que ficar lá fora. Juntou gente do lado de fora, no quintal, rezando para nascer logo. Na hora que o menino apontava a cabeça a parteira puxava, eu gritava, ele voltava. Então o Zé nasceu com um caroço, uma bolha d’água na cabeça.

Eu fiquei muito ruim. De tanto fazer força quebrei o dente. No outro dia, tudo doendo...

O Zé Antônio está com 60 anos, mas parece que foi ontem. Eu lembro de tudo.

O Zé tinha cinco meses quando fiquei grávida da Maria Célia. Aí foi aquela choradeira: fiquei com medo. Tive que desmamar, porque diziam que não podia dar de mamar enquanto estava grávida.

Depois que a Célia nasceu, passou um tempo, ela ficou doente. Em vez de ir para o médico na cidade, levei no benzedor, Seu Artur Gome, lá no Valão. Ele disse: **“Essa menina tá aguada por falta de leite, coitadinha. Se eu morasse perto da senhora separava uma vaca só pra ela”**. O benzedor aconselhou que eu batesse na casa do Sebastião Ferraz, para pedir um pouco de leite. Mas a gente tinha muito medo desse senhor, esse fazendeiro. Era o patrão do Tuta, meu marido. Rezei a noite inteira. No dia seguinte, fui. Dona Maria, esposa do Sebastião, estava debruçada na janela. Ela me levou até

a sala. contei o caso a Seu Sebastião. Ele ficou quieto. Depois falou: **“A partir de amanhã a criança tem uma garrafa de leite todo dia, tá?”**. E foi buscar. Depois mandava em casa, todo dia. Dona Maria foi até visitar a Célia, de charrete. Como se diz, o diabo não é tão feio quanto se pinta. Todo mundo falava, ficava com medo, mas seu Sebastião não era ruim nada – era o jeitão dele mesmo.

Ao todo, tive oito filhos, sendo que dois nasceram e morreram. Todos nasceram em casa. Só o Sérgio, o caçula, nasceu em São Paulo, no hospital. Mas com parteira. Foi tudo na base da força.

Eu mudei para São Paulo em 1965. A Marli fez um ano em maio, eu vim em agosto. Fiquei morando com a minha mãe. Uma vizinha dela falava assim: **“Para que tanto filho? Por que você não toma remédio?”**. Eu falei: **“Tomar remédio, como?”**. Ela me explicou, eu fui no

posto de saúde na Penha, passei no médico e ele me deu o comprimido para tomar. E depois que o caçula estava com nove anos, eu operei para não ter mais. Se continuasse na roça acho que eu tinha tido uns cinquenta filhos.

16.

Cachinhos de neném

Quando o Zé nasceu, em 1958, papai veio a Rio Branco e me levou para a Zona da Mata, para passear. Acabei a dieta e fomos. Chegando em São Pedro dos Ferros, o jipe que levava até a fazenda não estava mais na estação. Nós fomos a pé mesmo. Eu com nenê no colo, não aguentava: andava, sentava, andava, sentava. Chegamos na casa quase de madrugada. Três léguas e meia. A mamãe estava grávida da Marta. Ela queria que eu ficasse, para ajudar a cuidar. Mas a gente não podia e veio embora. Depois, nunca mais eu fui. Quer dizer, só quando a Maria Helena morreu, em abril de 1960.

Dizem que ela comeu a comigo-ninguém-pode, mas a gente não sabia. O médico falou que era. Ela tinha 5 anos quando morreu. Quando eu recebi a notícia já tinha um mês que a menina tinha morrido. Não tinha como saber antes. Era assim: nossa correspondência ficava em Rio Branco, no armazém do João Siriquim. Se passasse alguém da roça que conhecesse a gente, ele mandava entregar. Senão, ficava lá. Meu primo tinha ido para a escola na cidade e trouxe a carta. O Zizinho leu pra gente. Foi tão triste, credo. Então viajamos para São Pedro dos Ferros. Dessa vez, o jipe estava. Fiquei por lá um tempo. Mas pouco depois que a menina morreu, minha mãe ficou desgostosa e não quis mais ficar na Zona da Mata. Em seguida também fui embora. Voltamos todos para Rio Branco. Eu voltei para a mesma casa onde morava antes.

Além da Maria Helena, mamãe já tinha perdido a Marlene, ainda bebê, no dia 24 de

dezembro de 1948. Morreu de **fogo selvagem**, uma doença de pele. Em 1954, morreu também o Ivo, com um ano e sete meses. Foi de repente, ficou ruim, ruim, até morrer. Não sei por quê. No mesmo ano nasceu o Luiz. Ele tinha cinco meses quando o Ivo morreu. Mamãe sofreu muito, não dava conta das coisas, ficava rindo, depois chorava. Ainda estava muito triste, me entregou o Luiz e falou assim para mim: **“Pode ficar com esse daqui pra você que ele vai morrer também”**. E eu pensava que era verdade. Eu que cuidava, levava para benzer, dava banho, cortava o cabelo dos meninos. Já a Marta nasceu na Zona da Mata, eu não estava junto.

Depois a mãe mudou para São Paulo. Fiquei um tempão sem ver a mãe, nem notícia tinha. No sítio do Gavião, em São Pedro dos Ferros, eu morava numa gruta, lá no mato, perto de uma lagoa, rodeada de macaquinhos. Tinha uma mina na pedra. Às vezes passavam em

casa para pegar uma canequinha emprestada, para beber na bica. Nossas canequinhas eram de leite moça, bem areadinhas, branquinhas. Mas só via gente mesmo quando era tempo de plantar roça. Era uma tristeza tão grande. Eu ia buscar lenha no mato, ficava lá em cima, olhando. Parecia que a lua estava baixinha, mas não – era tristeza.

Até que um dia mandaram eu rezar para as almas: **“Reza pras almas que as almas contam aonde está sua mãe”**. Aí eu rezei e sonhei com sangue. Fiquei desesperada. Pensei que a mãe tinha morrido, ai meu Deus do céu... será que mamãe morreu? Até que um dia ela apareceu lá, em São Pedro dos Ferros, sem mais nem menos.

Eu não sabia se ria ou se chorava. A mamãe chegou lá numa boa, ela não esquentava a cabeça não – tinha saudade da gente, mas não ficava desesperada. Não tinha jeito de entrar em contato, ela arrumava um jeito e ia.

Quando nasceu a Marli, em 1964, mamãe ficava com vontade de ver, mas não podia. Então cortei um cachinho do cabelo, amarrei uma fitinha e mandei numa carta para ela. Ela guardou na gavetinha da máquina, dizia que estava vendo aquilo, mesmo que não visse a menina. Olha o amor que a pessoa tem! Nessa época, netos eram só os meus, que os outros meninos demoraram para casar.

Outra vez eu estava na Zona da Mata, com a mão na cara, triste, num dia de sábado. Estava chovendo, os meninos sem roupa:

“Ai meu Deus, como é que eu vou fazer?”, eu pensava. Aí bateram palma na porteira – era um rapaz com uma mala na mão. **“A senhora é a dona Nilza? É que eu estive lá na casa do seu Izaltino, em São Paulo, pra arrumar emprego, mas não dei sorte não. Então a dona Minervina pediu pra eu entregar essa mala pra senhora...”**. Quando eu abri a mala, ganhei tanta roupa! Shortinho

para os meninos, camisa, roupa usada da Marta que servia na Célia, pano de saco, uma blusa branca, roupa do Expedito para o meu marido... Mesmo de longe ela continuava cuidando.

Dinheiro não tinha, não mandava. Mas ajudava a gente com roupa, sapato. Ela sabia a idade dos meninos, comprava e mandava quando tinha a oportunidade de alguém ir para a roça.

Mamãe sempre falava que queria os filhos todos juntos: **“Quero vocês todos perto de mim”**. E ela conseguiu mesmo: todos viemos para São Paulo.

17.

Santa tia
Santa

Vim para São Paulo com cinco crianças pequenas. Pedi o dinheiro da viagem emprestado para o meu sogro – cinquenta contos. Esperamos uns dias, porque tinha a data certa para tirar o dinheiro. Aí falei para ele: **“Quando eu chegar em São Paulo a primeira coisa que eu vou fazer é pegar o dinheiro e devolver para o senhor. Eu peço para os meninos e mando de volta”**. Quem trouxe a gente para São Paulo foi o Fio, marido da nossa prima Elza, filha do Vitalino, irmão do meu pai. Fomos de trem até Juiz de Fora. De lá, pegamos o ônibus para São Paulo. O Toni e o João tinham o mesmo tamanho, então o Fio deu a ideia de falar que os dois eram gêmeos, para economizar na passagem. Vendi uma franga, comprei o pano e fiz uma camisa igual pra cada um. Chegamos à noite na casa da minha mãe, na Rua Santa Silvéria, onde ficamos morando.

Eu estava muito magra. Meu marido não arrumava emprego porque não tinha leitura. Era difícil arrumar serviço. Zezito trabalhava no restaurante Gouveia, na Praça da Sé, e às vezes levava o Tuta: **“Vamos comigo para lá. Se aparecer uma vaga, você fica”**. Mas não aparecia. Teve um dia que ele se perdeu, não sabia descer no ponto, passou direto. Meu irmão chegou de madrugada sozinho, o Tuta não estava: **“Eu mandei ele vir embora porque já estava ficando tarde”**. Zezito foi atrás, até achar o Tuta. Depois meu marido conseguiu um emprego como servente de pedreiro, com meu pai.

Papai aprendeu a furar poço em São Paulo. A mamãe costurava, vendia verdura e doce na rua – fazia tudo, não parava. No terreno da Rua Hedi tinha verdura, pé de abacate. Até cana tinha no quintal. Quando era tempo de abacate, mamãe punha na cesta e os meninos vendiam. Depois cortaram o pé. No terreno de

trás, mamãe plantava mandioca, couve – tudo de verdura. E ela fazia aqueles maços de couve, colocava na cesta e meus meninos iam vender.

Aí teve uma época, em 1966, que minha mãe foi embora para o Paraná. Eu fiquei na casa dela. Parecia uma sina: eu chegava, eles iam embora. Mas nessa época eu sabia escrever, mandava cartas para a minha mãe. Quando ela viajou, o João e a Célia estavam na Santa Casa, com sarampo. A menina ficou cinco meses internada e o menino ficou dois.

A casa era de uma portuguesa, a dona Maria. Ela vendia miúdo de porco. Rodava o bairro inteiro com a cesta na cabeça. Vendia fiado. Naquela época todo mundo tinha cadernetinha. Em casa, o cardápio era arroz, alguma verdura, taioba. Às vezes o Tuta comprava uma bengala de pão. Mas era muito difícil, não tinha dinheiro. As pessoas faziam caderneta na padaria, mas a gente não podia – ele ganhava pouco.

Até que a dona Maria decidiu vender a casa. Fechou tudo, mas disse que eu podia morar nos fundos, num comodozinho, do lado de fora. Meu marido fez um fogãozinho de lenha. A única panela que tinha o Zé deu para o garrafeiro, em troca de doce. Não bati, não fiz nada – fiquei com dó. E sem panela. Eu dava banho nos meninos no tanque. E não tinha espaço para plantar. O Zezito ajudava, trazia o que sobrava do restaurante: arroz e aqueles pernis de lanche.

Cheguei a escrever uma cartinha para levar na polícia e pedir dinheiro para irmos embora de volta para Minas. Mas o tio Zé Pinto, irmão do meu pai, soube daquilo, ficou com dó da situação e não deixou: **“Vocês não vão embora não! Tenho uns tijolos lá em cima. Eu vou fazer um cômodo pra vocês”**. Ele tinha uma casa, na Rua Nova Friburgo, que alugava para três rapazes. Comecei a lavar a roupa deles. E também os aventais e

gorros dos garçons do restaurante. Depois começaram a mandar as roupas de passeio, para lavar e passar. Nessa época eu juntei 27 cruzeiros para colocar os dentes – eu estava banguela.

Então, o tio vendeu a casa para um casal com dois filhos. Diziam que a mulher era muito ruim: **“Se você não gostar dela”** – a tia Santa me disse – **“arrumo outro lugar para vocês morarem”**. Mas a mulher fez amizade comigo. As crianças dela tomavam banho junto com os meus meninos – nesse tempo, já tinha chuveiro. A comida que eu fazia a menina dela comia também. Nas festinhas de aniversário eles convidavam meus meninos. O marido dela era muito amigo do Zezito, também trabalhava no restaurante. Um dia ele falou para mim: **“A senhora sabe que minha mulher não combina com ninguém, mas ela gosta muito da senhora, viu?”**.

Fiquei naquele puxadinho na Rua Nova
Friburgo por três anos. Tia Santa ajudou muito,
ia direto lá em casa levar comida. Ela tinha
uma oficina de costura, tinha uma equipe que
fazia as roupas. Eu fazia casinha e pregava
botão nas camisas – ela fazia muita camisa.
Cobrava por peça. O que ela fazia? Em vez de
me dar o dinheiro, ia e comprava toucinho,
arroz, feijão. O dinheiro nem dava para tanto,
mas ela fazia isso pra gente.

18.

Carteira de trabalho

Depois de treze anos no Gouveia, o Tuta foi mandado embora. Quando recebi a notícia, comecei a chorar. Eu não queria mais voltar para Rio Branco, já estava gostando de São Paulo. Então pegamos o dinheiro que ele recebeu e, em 1967, compramos um terreninho no Jardim Penha, na Rua Itapiruna. Não tinha luz, não tinha nada – era no meio do mato. Ajudei a cortar os paus para fazer o barraco. Os meninos que estavam empregados às vezes traziam aquelas caixinhas de fruta e emendavam, nos dias de folga. As pessoas falavam: “**A gente vê que isso aqui é de madeira do lado de fora, porque dentro de casa não parece**”. Era tudo arrumadinho.

Depois o tio Zé Pinto, que trabalhava de guarda noturno na Estrela, levantou um puxadinho de alvenaria e trouxe um caminhão de madeira para fazer outro cômodo. Fez um quarto e uma cozinha. E bateu a laje. Papai fez o poço. Mas não podia furar muito, porque não

tinha tijolo para escorar.

Eu seguia lavando roupa para fora. E não tinha máquina não, esfregava tudo na mão. As mulheres gostavam da minha roupa lavada. Eu não sentia canseira, não sentia nada: quando a gente está novo é bom. Tinha uma cliente que só me mandava roupa branca. E no quintal do barraco não tinha muito espaço para estender. Então eu pendurava no varal da casa dela, na rua do Colégio Municipal. Colocava a bacia na cabeça, cheia de roupa torcida, bonitinha. E estendia lá: lençol, fronha, toalha de cozinha – tudo branquinho.

Depois trabalhei na casa de um japonês, o Kazuo. Trabalhava de faxineira. Até que a mãe dele, dona Maria, precisou de empregada, porque a filha dela ia casar. Com oito meses que estava lá, ainda não tinha registro (tinha que esperar minha mãe ir em Minas buscar minha certidão de casamento, que estava

muito estragada, para fazer a carteira de trabalho). Então, num domingo, eu caí na minha casa e quebrei a coluna. Passei pela porta da cozinha para estender roupa lá fora, os baldes na mão. E o chão cheio de sabão. Escorreguei e fui batendo. Um mês depois é que veio a dor. Meu pé virou para baixo e travou. Fiquei 10 meses entre a vida e a morte, lá em casa. Perdi o movimento da perna. Até que operei a coluna. Fiz todas as fisioterapias, fiquei boa: subia no ônibus, descia do ônibus. Mas aposentei por invalidez.

Fiquei dez anos na casa da japonesa. Depois fui trabalhar num escritório em Santana, de copeira. Já não fazia muito serviço não: só comida e tirar o pó. Então trabalhei de cozinheira na lanchonete de um amigo do meu filho, no Carrão. E quando meu filho montou um restaurante, cozinhei para ele.

Parei de trabalhar com 60 anos.

19.

Perdão

Meu pai cavou muito poço na Zona Leste. Toda construção que tinha, lá estava ele, fazendo a massa, colocando tijolo pra escorar. Era muito difícil, a gente via ele dentro daquele buraco fundo, dava uma tristeza. Até que uma vez vazou gás na escavação. Foi aí que ele parou – os meninos não deixaram mais. Então meu pai foi trabalhar de vigia numa padaria na Vila Rio Branco. Ficava de guarda, vigiando as construções, de noite. Ele morria de medo. De vez em quando eu ia com a mamãe lá, para fazer companhia. A partir de 1973, meu pai aposentou de vez.

Quando papai ficou doente, mamãe cuidou bastante dele. Depois ela cansou, e o Antônio arrumou uma pessoa para ajudar. Eu não podia cuidar porque tinha operado a coluna, não conseguia pegar ele pra dar banho. O pai não estava bom, mas os médicos não queriam internar, achavam melhor que ele ficasse em casa.

O papai tinha um machucado na perna, desde os quinze anos. Ele cortou uma verruga com facão, inflamou e nunca mais sarou. Antes não tinha tratamento. Meu avô levou o raizeiro para ficar dentro de casa, para cuidar do papai. Era só dieta, coisas de comer. Mas não sarou, aquilo ficou crônico. Uma vez fui com papai no hospital, o médico falou que ia operar. Ele levantou da cadeira e saiu: **“Não, não vou operar não, eu tenho isso desde os quinze anos, não vou operar não”**. O médico disse que iam fazer um enxerto, mas papai não quis. Então foi agravando, agravando...

Eu trabalhava no Tatuapé. Minha patroa japonesa tinha uma pastelaria. Quando sabia que eu ia passar na casa deles, mandava umas esfihas pro meu pai. Um dia cheguei lá e perguntei: **“E aí, pai? O senhor está bom?”**. Ele respondeu: **“Ah, tô nada... Acho que eu preciso morrer”**. Isso foi numa sexta-feira. Eu fiquei pensando em voltar no sábado cedo, para ficar o dia inteiro lá. Mas no dia seguinte a Olga me ligou dizendo que o papai estava ruim, que tinha passado mal e estava internado. No domingo fui visitar: ele tinha melhorado, mas estava todo cheio de fio, de aparelho. Ele não costumava falar o nome da mamãe – só falava **“sua mãe”** ou **“a muié”**. Mas nesse dia ele perguntou: **“A Minervina vem me ver? Fala pra Minervina vir me ver”**. Na segunda, ela foi. Ele só esperou minha mãe chegar para morrer.

Na terça-feira recebi um bilhete do Antônio, dizendo que era para ir para casa da mamãe,

na Cisper. Eu ainda não sabia de nada. Cheguei lá, estava todo mundo. O Zezito falou assim: ***“Pelo movimento aqui você já sabe mais ou menos o que aconteceu, né?”*** O Zé levou a gente pro hospital. Fiquei sem jeito, pensei: como é que vou fazer pra ver? Pensava que não ia aguentar, né? Mas a gente dá um jeito, bobo. Dá um jeito.

Mamãe me contou que, antes de morrer, papai se desculpou pelo ciúme que sentia dela. Minervina falava que tinha vivido treze anos com Izaltino igual a dois namorados. Depois, não sei o que deu nele, meu pai ficou ciumento. Na despedida deles, no hospital, Izaltino falou que sabia que minha mãe era uma mulher direita.

Demorou 53 anos, mas no fim, ele pediu perdão.

20.

Viradinho à mineira

Minervina não chegou a trabalhar na oficina de costura da tia Santa. Quando mudou para São Paulo, ela fazia outras coisas: fazia doce – pé de moleque com rapadura, doce de leite e doce de pau de mamão – e enrolava maço de cheiro verde, que o Antônio vendia na rua, de casa em casa. Quando papai ficou doente, a Marta foi morar com a mamãe. Depois, a Olga ficou com ela. Em São Paulo, Minervina trocou a máquina antiga, de manivela, por uma de pedal – mas que não era elétrica. Só que nessa época, depois que o papai morreu, ela já não costurava mais. O que mamãe gostava era de fazer comida. Ela acordava cedo. Às cinco e meia ligava o rádio no programa do Zé Béti. Tinha um bordão que ele falava: **“Joga água nele, comadre!”**. Ela também gostava de ouvir as notícias. Os filhos moravam perto, então ela passava na casa de um, do outro, passava o dia na casa da gente. Ela gostava de dormir cedo. No outro dia, saía de novo.

Quando mamãe adoeceu, eu e Olga ficávamos no hospital, nos revezando. Os médicos diziam que o coração dela era bom, não tinha nada. Até brincavam: **“Esse chazinho de losna que a senhora tomava é muito bom!”**. Depois paralisou os rins.

Eu ia de manhã pro hospital, ficava três dias, depois trocava com a Olguinha. Mas naquele dia, quando a Olga chegou pra eu ir embora, eu queria ficar lá. A gente pediu pra ficar as duas, mas a enfermeira não deixou, disse que era uma só. Então a Olga ficou. Mas fiquei de voltar no dia seguinte, levei até o crachá pra não ter que ficar parada na porta e subir direto. Assim que cheguei em casa, liguei. Olguinha custou a atender: **“Ela só estava esperando você ir embora. Ela não queria que você visse ela ir”**. Não acreditei. **“Acabou de morrer, deu dois suspiros assim que você saiu e foi embora”**. Voltei pro hospital pensando que podia ter ficado mais um pouquinho. É tudo assim.

Enquanto estive internada, só pelo barulho de abrir a porta do quarto, mamãe sabia quem tinha chegado. Um dia, dr. Carlos falou assim: **“Dona Minervina é uma pessoa que sabe até o prato que o filho gosta”**. No hospital, a mamãe ficava dando receita para as enfermeiras. Uma delas veio dizer que o viradinho não tinha dado certo. Mamãe respondeu: **“É porque você não fez direito, faz de novo! Tenta de novo que vai dar certo!”**. Quando a mãe morreu, no Sírío Libanês, a enfermeira lamentou: **“Ai, vó! Deixou pra ir embora num domingo, que a família está toda em casa, né?”**. E chorou, chorou... uma tristeza. Na segunda-feira foi o enterro.

O pai da mamãe morreu não tinha 40 anos. Deixou nove irmãos e nove filhos pequenos. Então as mais velhas cuidaram dos mais novos. Minha mãe e minhas tias nunca tiveram quem mandasse nelas – tiveram

liberdade. Elas viveram! Às vezes a mãe estava barriguda, esperando nenê, lá ia com a enxada nas costas, saindo pra roça. Ficava o dia inteiro trabalhando. Com mamãe não tinha tempo ruim, ela estava sempre alegre, sempre animando a gente. Minervina tinha uma energia boa. Os anjos da guarda dela combinavam com todo mundo.

21.

Poeira

Em 2017, o Antônio chamou os irmãos e fomos juntos para Minas Gerais. Fazia mais de vinte anos que eu não visitava Visconde do Rio Branco. A última vez tinha sido no casamento do Vadinho. Medo eu não tinha não – estava curiosa para saber como era. Sou meio caipira, atrasadinha. Se me mandar sozinha não sei me virar com esse negócio. Mas com eles eu fui. Foi a primeira vez que viajei de avião.

Quando minha mãe estava viva eu ia muito com ela para Minas. Ela pagava até passagem para mim. De ônibus, 12 horas, era muito. E a gente vinha sempre de noite, não via nada, vinha dormindo. A mamãe ficava na casa da Regina e eu ficava na tia Carminha – nunca fiquei em outro lugar. De manhã, a gente pegava o chinelo de dedo e caía na estrada. Saía cedo e só voltava de tarde, ia em todas as comadres. No outro dia, de novo. Minha tia falava que a gente não dava trabalho – passava o dia todo fora, batendo perna.

Antigamente era tudo diferente, mais rigoroso, mais atrasado. Quando a gente foi pro casamento do Vadinho, o Zezito comprou um lampião para por na casa da tia Carminha. Não tinha nem luz, agora já tem.

Eu vi construir a estrada Rio-Bahia, que passa pelo Clemente do Meio. A gente não conhecia máquina de mexer a terra, ficava admirado.

Era tudo morro. A gente ficava de longe olhando o movimento, ouvindo o barulho das máquinas, dos tratores.

A tia Olga, irmã da minha mãe, não está mais lá – ela era igual minha mãe, cara de uma, focinho da outra. Dava até frio na barriga de tão parecidas. Mas minha comadre Vaninha ainda está viva, com noventa e tantos anos. Nos reencontramos no Clemente do Meio. Fiquei emocionada, ela também. A gente cortava cana junto, carregava café, carpia, plantava milho, tudo junto. É uma amizade de raiz, uma coisa que não dá pra explicar.

Antigamente tinha muito racismo. Tinha um dito que dizia: **“Canjiquinha com feijão, na minha família não”**. Preto não podia casar com branco. Trabalhar junto podia, mas ninguém se misturava. Não podia ir na casa um do outro. Baile de preto era só de preto. Branco não podia entrar. Ô bobeira, né?

Quando a Maria Helena nasceu, minha mãe deu pra sogra da Vaninha batizar. Nossa, a mamãe sofreu com a falação. Ela não tinha essas coisas não. Papai também não.

Na viagem com meus irmãos, fiquei muito emocionada de visitar o lugar onde nasceu o João, meu filho. De olhar aqueles matos, lembrar daquela situação, na fazenda do Sebastião Ferraz. Quando a gente morava na Zona da Mata era só leite, leite, leite. Quando viemos morar em Minas de novo, com meu sogro, era mingau de maisena com água. Já passei um bocado na minha vida.

O Antônio também levou a gente até São Pedro dos Ferros. Desde que saí da Zona de Mata, em 1965, não tinha voltado mais. Mais de 50 anos que não ia lá. Não fosse o Antônio, a gente não fazia isso não. Eu lembrava da fazenda onde tio Rogério morava. E lembrei onde a comadre Chiquinha morava pela

cor da terra – uma terra vermelha. As casas acabaram.

Depois voltei outras vezes a Minas com o Antônio e meus irmãos. Nós também fomos pro Paraná. Já me acostumei com avião. Em 2021, a gente estava marcado para ir a Visconde do Rio Branco em setembro, mas não deu certo, por causa da pandemia. A tia Carminha morreu em outubro. Se a gente tivesse ido tinha visto ela.

Viajar é bom, mas quando volta a gente fica meio deprimido. Fica lembrando, fica pensando. Fica contente de estar lá, mas fica triste de ter que ir embora, sem saber quando vai voltar.

Álbum de fotos



1971

Da esquerda para direita: Célia, Marli, João, José Antônio e Nilza [filha da vizinha, dona Generosa]



1973

Da esquerda para direita: Lourdes, Tuta e Duduca.
As crianças são Sérgio e Ivan. No quintal da casa
da Rua Guarita/Itapituna, no Jardim Penha



1976

Festa de casamento do irmão Antônio com a Regina



1982

Rua Nova Friburgo, Vila Cisner, na casa do Sr. Jonas Ferreira Barbosa e Acidalia Barbicha de Siqueira, sogros do José Antônio



1982

Com Minervina e crianças. Na cadeira: Heitor e Alanna [filhos do Toni com a Fátima]. No colo: Natália [filha do Toni com a Telma]



1982

Casamento de João e Sibebe



1982

Casamento da Marli na igreja São Carlos, no Belém.
Da esquerda para direita: João, Lucília, Antônio e Irene
[padrinhos]



1984

Com Tuta [Jesus Felício da Costa] no casamento do José Antônio com Holandy, na Igreja nova da Penha



1984

Nascimento da Priscila, no Hospital Cruz Azul



1985

Da esquerda para direita: Minervina, Duduca, Fátima
[primeira esposa do Toni], Sibebe e João com Feliph no colo



1985

Almoço de Natal na casa do Toni, no Parque Boturuçu



1985

Com parentes em Visconde do Rio Branco/MG



1985

Um ano da Priscila



1986

Festa de aniversário do Marcus Vinicius [filho do José Antônio], na Rua Piratiji, Jardim Penha



1987

Nas bodas de ouro de Izaltino e Minervina



1987

Com netos: Camila [filha do João], Priscila [filha da Marli] e Marcus Vinicius [filho do José]



1994

Lanchonete do Alexandre, amigo do Sérgio, onde Duduca trabalhou como cozinheira, na Rua Vilela [próximo ao metrô Carrão]



1998

Festa de aniversário da Thais [filha do José Antônio]
no Jardim Penha



1999

Aniversário no apartamento da Rua Bertoga, 160



2017

Com tia Carminha em Visconde do Rio Branco/MG



2017

Com os irmãos em festa de final de ano da família Lino Pinto, no Tatuapé



1951

Casamento da tia Carminha

beijinho doce _ histórias da Duduca

projeto editorial

Antônio Lino Pinto Júnior

projeto gráfico

Dea Gomes

fotografias

acervo pessoal

Um agradecimento especial à Maria Célia Costa

www.familialinopinto.com.br

© 2022, Antônio Lino Pinto Júnior

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, sem fins comerciais,
desde que citada a fonte.

